

FAHIMTB  AHIMTB/RS	<h1>O TUIUTI</h1> 	
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL		
520 ANOS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA		
Ano 2012	AGOSTO	Nº 29

PARTICIPAÇÃO DA AHIMTB NA SEMANA DE CANUDOS EM 24/Set/1997, NA CÂMARA FEDERAL
 Cel Claudio Moreira Bento - Historiador Militar e jornalista
 Presidente da FAHIMTB e AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos

PARTICIPAÇÃO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB) NA CÂMARA FEDERAL, NA SEMANA DE CANUDOS, REMEMORAÇÃO DOS 100 ANOS DA GUERRA DE CANUDOS (1897), A CONVITE DO DEPUTADO FEDERAL SEVERIANO ALVES, PRESIDENTE DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS DA CÂMARA FEDERAL, SOBRE O SIGNIFICADO DA GUERRA DE CANUDOS PARA AS FORÇAS TERRESTRES BRASILEIRAS.

CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO
 Comissão de Educação, Cultura e Desporto
Reunião nº: 0763/97 - Data: 24/09/97 - Depoimentos taquigrafados

Sr. Deputado Alcides Modesto, coordenador, companheira Consuelo Conde, Presidente do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro, e demais companheiros de Mesa, povo representante de Canudos aqui presente.

Apreendi muito com a Igreja, com o Pe. José Wilson, mas informação é liberdade de escolha! Espero que o padre José Wilson aprenda comigo um pouco da intimidade do Exército, instituição que todas as nações do mundo possuem.

Não venho aqui defender o Exército. Encontro-me aqui na qualidade de Presidente de uma ONG, chamada Academia de História Militar Terrestre do Brasil, com sede e fórum em Resende, entidade que tem por objetivo desenvolver as histórias do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navais, da Infantaria da Aeronáutica, das polícias e bombeiros militares e de todas as demais forças que atuaram no Brasil desde o descobrimento. Interessa-nos, sobretudo, estudar Canudos, a estratégia dos canudenses, porque isso pertence ao patrimônio histórico e militar do povo brasileiro.

Hoje devemos memorar em conjunto a tragédia social, para usar os acertos e erros cometidos, para que isso não se repita na atualidade e no futuro. Assim procedendo, estaremos usando a história como a mestra da vida.

Os conselheiristas enriqueceram o patrimônio histórico militar terrestre do povo brasileiro, que talvez um dia possa vir a ser usado para a defesa interna do Brasil no insondável terceiro milênio e na nova ordem mundial.

Provado que o sertanejo é antes de tudo um forte, acrescento que foi também um bravo. Próximo de Canudos, esteve a Revolta dos Cabanos de Alagoas, em Pernambuco e Alagoas, de 1832 a 1835, levada a efeito por brasileiros humildes do campo, e que foi convenientemente administrada pelo Governador de Pernambuco com o auxílio da Igreja, sem destruição recíproca de revoltosos e legais. Evento que encerrou uma solução de cerco rebelde, que seria adotado mais tarde no Contestado em 1914/16.

No Contestado, como em Pernambuco, não houve a idéia de destruição total; houve um cerco e pouparam-se vidas de soldados e de adeptos do Monge. E foi um General do Exército lá do Sul (Setembrino de Carvalho) que ordenou que se retirassem as tropas do combate, dizendo que o Exército não fora criado para perseguir brasileiros do sertão — e assim lembrava ele o nosso Deodoro da Fonseca, que protestou contra o uso do Exército em perseguição a escravos fugidos, o que equivalia, naquela época, à abolição de fato.

O Exército usou a grande lição extraída de Canudos, ao promover uma Reforma Militar profunda, de 1898 a 1945, que elevou o baixíssimo padrão operacional do Exército mostrado em Canudos, aos da Força Expedicionária Brasileira, na Itália. Essa Força lutou em aliança contra os melhores exércitos do mundo; e fez muito boa figura. Muitos canudenses ajudaram, talvez, na FEB, a elevar, alto e longe, o nome do Brasil.

Está transcorrendo o centenário da Guerra de Canudos no sertão baiano, confronto fratricida que levou à morte e ao luto milhares de irmãos brasileiros, soldados do Exército, das polícias e sertanejos baianos que combateram a resistência.

A apuração da responsabilidade moral e política por essa tragédia brasileira, quando ambos os lados que se confrontaram em combate feroz acham que estão com a razão, espera-se que fique mais clara nos estudos serenos que se fizerem este ano. Este é um problema social, como outros que estão acontecendo e que poderão apresentar-se na trajetória brasileira, o qual merece tratamento e respostas adequadas, que Canudos politicamente não deu, como oportunidade, prevenindo assim a tragédia.

Como soldado e historiador militar, vemos o episódio de Canudos como estopim para uma reação de parte de oficiais do Exército, veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, para promover uma Reforma Militar que modernizou o Exército e o livrou do equivocado sistema de ensino denominado “bacharelismo militar” que vigorou de 1873 a 1905, potencializado pelo equivocado Regulamento de Ensino de 1890, baixado pelo Ministro da Guerra, Ten Cel Benjamin Constant.

Segundo se conclui, de Edmundo Campos Coelho, no livro ‘Em busca de identidade, o Exército e a política na Sociedade Brasileira’, o Exército, a partir de 1831, foi alvo de uma política de erradicação que, ao longo dos tempos, apresentou nuances variadas. A partir de então teve de concorrer com a Guarda Nacional, que se revelou incapaz de promover a Segurança Nacional, a não ser no Sul, até a Guerra do Paraguai, tornando-se instrumento político anti-Exército, conforme se conclui de CASTRO, Jeanne Berrance de. **A Milícia Cidadã: A Guarda-Nacional de 1831 a 1850**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009. Guarda Nacional que se pretende até ressuscitar.

Finda a Guerra do Paraguai, em 1870, o espírito erradicador do Exército ressurgiu forte. Para neutralizá-lo foi implementada a seguinte ideia traduzida no Regulamento de Ensino de 1873. Ou seja, formar oficiais doutores no Exército, em Engenharia e Ciências Físicas e Matemáticas para ajudar a desenvolver o Brasil. Oficiais doutores, para valorizá-los socialmente, para que assim pudessem concorrer (como bom partido) em casamentos com advogados, médicos, filhos de industriais, comerciantes e fazendeiros, que até então eram preferidos para o casamento. E a razão: desde antes da Independência, para consolidar a Integridade, a Soberania e a Unidade do Brasil, os oficiais e graduados viveram combatendo em lutas internas e externas continuadas. Assim, para o casamento, eles representavam viuvez e orfandade potenciais, sem cobertura previdenciária compatível.

Os doutores passaram a ostentar, ante o exposto, o título de doutor, muitas vezes omitindo o posto. Os que viviam no Exército, na tropa, dedicados à Segurança Nacional, eram tratados de “tarimbeiros”, com status social inferior. Os doutores ou bacharéis tinham a seu cargo a elaboração da Doutrina do Exército, através da Escola Militar da Praia Vermelha, dominada pelos bacharéis, mas eles não cumpriram esse dever. Esse sistema de ensino provocou a desprofissionalização do Exército, fazendo cair a operacionalidade do Exército a níveis inferiores ao que havia sido conquistado na Guerra do Paraguai.

O progresso hierárquico era conquistado à base de cursos, que deram origem aos bacharéis, muito versados em Ciências Físicas e Matemáticas, Poesia, Literatura e pouco ou quase nada na profissão soldado. Como complicador, o Positivismo agnóstico, mal dirigido ou interpretado, introduzido através da cadeira de Sociologia na Escola Militar da Praia Vermelha onde, segundo o General Tasso Fragoso, “seus alunos desprezavam e riam de veteranos do Paraguai”.

Um general que fizera a carreira bem sucedida como professor de Descritiva na Praia Vermelha teve desempenho militar deplorável, ao ser enviado para o Paraná para conter o avanço federalista. Acusado de covardia, foi processado e condenado à morte, da qual teria escapado por empenho de seus alunos.

Canudenses aqui presentes, esse foi um Exército então dominado pelo bacharelismo das elites, que teve de improvisar a incorporação de centenas de alferes, civis recrutados, para completar os seus quadros e enfrentar a Guerra Civil no Sul, de 1893 a 1895; a Revolta na Armada, de 1893 a 1894 e a Guerra de Canudos, em 1897. Eles apresentaram operacionalidade inferior aos revolucionários revoltosos.

Os bacharéis estiveram ausentes dos confrontos. Foram oficiais tarimbeiros, que sempre se dedicaram à instrução da tropa, que lideraram em campanha o Exército. Dos mais assinalados: Artur Oscar, Cláudio Savaget, Carlos Teles, João César Sampaio, Thompson Flores, Tupi Caldas (que morreu em Canudos), Augusto Julião Serra Martins e outros.

O Capitão Tasso Fragoso, por ocasião da Guerra de Canudos, se encontrava em missão na Europa. Lá ele constatou, surpreso, o enorme fosso operacional existente entre os Exércitos europeus, em especial o Prussiano, relativamente ao nosso. De lá escreveu históricos artigos na Revista do Brasil sobre a necessidade de o Exército Brasileiro dispor de um Estado-Maior e de como era formado um oficial alemão. Seus artigos repercutiram muito no Exército e ajudaram na decisão de realizar a Reforma Militar por outros dedicados chefes. Dentre eles: João Nepomuceno Medeiros Mallet, que criou o Estado-Maior do Exército e, em Piquete-SP, a primeira fábrica de pólvora sem fumaça na América; o Marechal Cantuária, que comandou a Bahia e foi o primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército; o General Argolo, filho de um grande herói baiano, que eliminou o grande equívoco do ensino militar a que o Exército vivia há trinta anos. Ele fechou e a seguir extinguiu a Escola da Praia Vermelha e decretou o Regulamento de Ensino de 1905. Foi a inflexão do bacharelismo militar para o profissionalismo militar, que até hoje se sustenta, implementado na Escola de Guerra em Porto Alegre, que formou a geração que implantou o profissionalismo militar no ensino. Inclusive, o Marechal José Pessoa, um ilustre paraibano, que idealizou a Academia Militar das Agulhas Negras.

Hermes da Fonseca reorganizou por completo o Exército em 1908 e, adquiriu armamentos modernos na Europa, com as fábricas de munições, enviando oficiais para estudar no Exército Alemão, origem dos “Jovens Turcos” que fundaram a Revista A Defesa Nacional (1913). Perguntado ao Ministro civil na República, Pandiá Calógeras por que razão teria ele tido tanto sucesso como Ministro da Guerra, ele respondeu: “Foi fácil; foi só seguir o planejamento dos meus antecessores”.

Entre os ministros que o antecederam está a grande obra do Marechal Caetano de Farias. Esta foi a parte mais relevante da resposta que o Exército deu a Canudos.

Como soldado e historiador militar não passo recibo às manipulações históricas vigorantes, querendo a mídia responsabilizar o Exército, a Polícia Militar e civis baianos pelos sangrentos fatos ali ocorridos. Deve-se muito a integrantes do Exército, que foram grandes vítimas por desinformação e manipulação de lideranças civis, que detinham o poder constitucional. Fato semelhante já havia

acontecido em 1875, no Rio Grande do Sul, na Revolta dos Muckers do Ferrabraz. Canudos foi um problema bem ampliado em relação à Revolta dos Muckers. Tragédia semelhante talvez tivesse ocorrido, não fora o Marechal Deodoro protestar contra o emprego do Exército para perseguir negros escravos fugidos.

Rui Barbosa definiu as Forças Armadas como a Pátria amplificada, que necessitando prover de melhor grau de segurança a sua família, para dissuadir, defender e mesmo repelir possíveis agressores, tomaria medidas preventivas de segurança adequadas. Compraria o melhor armamento e os melhores itens de segurança preventivos.

Depois de Canudos, a Reforma Militar foi um esforço de várias gerações para evoluir à Força Expedicionária, quando a mesma fez boa figura ao lutar na Europa na Segunda Guerra Mundial.

Esta é para nós a real projeção para a força terrestre da Guerra de Canudos. Entendo como tragédia o caso das nossas guerras civis. Os soldados foram para Canudos motivados para vencer os canudenses. Teria ordenado o Presidente da República: "Não deixem pedra sobre pedra". O Exército era o revólver do Presidente, o revólver da Sociedade Brasileira, que foi mal e criminosamente usado.

Penso que a responsabilidade moral e política pela tragédia seja da Sociedade Brasileira como um todo. Isto é extensivo às lideranças da Igreja da época.

Fere-nos como soldado essa insistência de que o Exército destruiu. Não foi Canudos a sua gloriosa história de luta. Essa força, com a ajuda do povo brasileiro, desde o Descobrimento, ajudou a dar a conformação definir e manter este Brasil de dimensões continentais, que não foi obra de um milagre, mas do esforço e sacrifícios, sangues e vidas de muitos soldados brasileiros que alicerçaram as dimensões de um Brasil Continente.

Agentes da mídia da época, na Capital da República e em São Paulo, sem espírito crítico perfilharam e difundiram a tese inverídica, além de exagerada e muito distorcida, de que Canudos se tornara um perigoso bastião monarquista que ameaçava de morte a jovem República. O Padre José Wilson que me antecedeu nesta tribuna demonstrou que nem monarquista Antônio Conselheiro era.

É verdade que conselheiristas não toleravam a Maçonaria, desde a Questão Religiosa, ou Episcopo Maçônico, em que dois bispos foram presos até ser a questão pacificada pelo Duque de Caxias. E esqueceram-se dele em Canudos, de que ele pacificou quatro lutas internas na Regência e de que foi consagrado como O Pacificador.

Magoa-me a insistência do fórum de Canudos em relação às vítimas massacradas. Ouvi, li e conheço essa história profundamente e sei do sofrimento pelo qual esse pessoal passou. Canudos vive! A questão é encontrar uma solução racional e democrática para a questão global do solo. Essa é uma tarefa da Sociedade Civil como um todo.

A experiência de Canudos, o Exército da caatinga esta aproveitando. Pois uma unidade do Exército em Petrolina está absorvendo toda a Arte e Ciência militar de Pedrão Pajeú. Vamos construir sobre essas vítimas do Exército, que foram as maiores vítimas, um Exército cada vez mais forte como o braço armado do Povo Brasileiro.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
LECAMINHA@GMAIL.COM